

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

DE ALGUNS

PIAUIYENSES ILLUSTRÉS,

E D'OUTRAS

PESSEAS NOTAVEIS

**Que occuparão cargos im-
portantes na provincia
do Piauhy.**

POR

MIGUEL DE S. BORGES LEAL C. BRANCO,

Natural da mesma provincia.

Theresina, typ. da «Imprensa.»

1878.

N. XV DE LA BIBLIOTECA NACIONAL DE
DE
MIGUEL BORGES.

BIOGRAPHIAS

Começamos hoje á dar publicidade, em outra secção d'este jornal, á uma serie de biographias de piauhyenses illustres, escriptas pelo nosso digno e laborioso amigo capitão Miguel de Souza Borges Leal Castello Branco.

Pretende esse nosso amigo mandar imprimir um livro, contendo as biographias de que tratamos, e, publicando-as antes d'isso pelos jornaes, deseja desde logo sugital-as á critica e correccão d'aquellas pessoas que, por suas luzes, estiverem para isso habilitadas, esperando por esse meio conseguir que o seu trabalho seja o mais perfeito possível.

(Imprensa, n.º 362.)



Ao sr. major Antonio de Hollanda Costa Freire, que teve a bondade de me fornecer um *memorial* da familia Freire; e aos srs. Dr. Firmino de Souza Martins, e L. Marreiros C. Branco, devo o favor da maior parte das informações de que me servi, para a confecção das *biographias* dos falecidos José Nicolão da Costa Freire, visconde da Parnahyba, e Lourenço Antonio Marreiros Castello Branco, que tem sido publicadas neste jornal; visto como, accedendo elles ao pedido que lhes fiz, tiveram a bondade de m'as fornecer em 1872, e posteriormente. Algumas outras biographias, d'outros differentes piauhyenses, não menos illustres,

achão-se já organisadas, como seião as dos fallecidos Drs. Miguel de S. Borges Leal Castello Branco, Francisco de Souza Martins, Casimiro José de Moraes Sarmiento, coronel Justino José da Silva Moura, Tiberio C. Burlamaque & & as quaes, hirão sendo opportunamente publicadas, por este mesmo jornal.

Pego pois a quelles meos distinctos amigos, acima mencionados, e aos de mais que tão bondosamente me tem ajudado n'esse serviço, fornecendo-me importantes esclarecimentos e informações, que se dignem ler as referidas publicações, corrigindo quaesquer defeitos, ou omissões que n'ellas encontrarem; continuando assim a me coadjuvarem, com as suas habilitações, a fim de que esse meo trabalho possa obter o grão de fidelidade e perfeição que desejo.

Confio igualmente que os outros cavalheiros, a quem me tenho dirigido, desde 1870, pedindo diversas informações tendentes aos homens mais eminentes da provincia, e a historia da nessa terra, e que até o presente ainda não me responderão, não se recusarão a prestar-me o valioso concurso de suas luzes; tanto mais se attenderem quanto é deficiente, em pontos historicos, a fonte dos archivos publicos do Piauhy.

Theresina, 27 de novembro de 1878.

Miguel Borges.

(Da *Imprensa* n.º 369.)

AFONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

II

Manoel de Sousa Martins,

Visconde da Parnabyba.

« Offerecida ao meu amigo, Dr. Firmino de Souza Martins, juiz de direito da comarca de Oeiras. »

Manoel de Sousa Martins, filho legitimo d'outro M. de S. Martins, portuguez, e de sua mulher D. Anna Rodrigues de Sant'Anna, nascêo em 1767, na fieguezia de N. S. das Mercêz, de Jaicós, nesta provincia.

O primeiro emprego que elle occupou, foi o de thesoareiro do erario publico, na cidade de Oeiras.

Em épocas mui remotas e successivamente, Manoel de Sousa Martins foi nomeado para os postos de alferes, tenente, capitão, major, tenente-coronel e coronel das antigas melicias do Piaulhy, até que, por decreto de 4 de setembro de 1820, e patente de 3 de outubro do mesmo anno,—foi reformado no posto de brigadeiro, sem vencimentos.

Em 21 de outubro de 1821, na qualidade de vice-presidente da provincia, passou elle a fazer parte da junta do governo provisorio, installada a 24 do referido mez de outubro, até 7 de abril de 1822, quando deixou o governo, por ter sido

installada a nova junta provisoria, em execução a carta de lei de 1 de outubro de 1828, que traz o decreto das côrtes geraes, extraordinarias e constituintes da Nação portugueza, de 29 de setembro do mesmo anno, estabelecendo o systema de governo e administração das provincias do Brazil.

A 24 de janeiro de 1823 passou o brigadeiro Sousa Martins a occupar outra vez a presidencia da nova junta do governo temporario, installada n'aquelle mesmo dia, pelo motivo da feliz adhesão da capital a cauza da Independencia, cujo grito partindo primeiramente do coronel Simplicio Dias da Silva, na Parnahyba, foi por elle reproduzido em Oeiras; e mandando depois, grande força a cidade de Caxias, provincia do Maranhão, para debellar os adversarios da Independencia, que, corridos do Piahy, alli se achavão fortificados sob o commando do major João José Cunha Fidié. — continuou no governo da provincia, no caracter de presidente temporario, até 9 de dezembro de 1829, quando teve de deixar outra vez a presidencia, por ter sido installada, n'essa mesma dacta, o conselho do governo da provincia, criado pela lei de 2 de outubro de 1823, sob a direcção do vice-presidente padre Marcos de Araujo Costa.

A 12 de fevereiro de 1829 em virtude de requisição do presidente novamente nomeado João José Guimarães e Silva, reassumio o brigadeiro Sousa Martins, no dia 13 do dito mez, o governo da provincia, até o dia 15, quando entrou em exercicio o referido presidente Guimarães, que se conservou na administração até 17 de fevereiro de 1831, quando falleceo.

Na mesma dacta (17 de fevereiro) voltou o brigadeiro Manoel de Sousa Martins (ja então Barão da Parnahyba) na qualidade de 1.º vice-presidente, a exercer a administração da provincia

(tendo sido nomeado presidente em 1833) conservando-se no governo até 30 de dezembro de 1843, quando passou ao Exm. Sr. Dr. José Ildelfonso de Sousa Ramos, hoje Visconde de Jaguaré e Senador do Imperio.

Em janeiro de 1811, o brigadeiro Sousa Martins, foi condecorado com o habito de Christo. Professor ou foi armado Cavalleiro d'essa ordem em 16 de julho de 1814, na Igreja matriz de Oeiras, pelo governador Balthasar de Sousa Botelho de Vasconcellos, e por decreto de 17 de outubro de 1830, foi nomeado commendador da mesma ordem.

Por decreto de 12 de outubro de 1823, foi nomeado official da Imperial Ordem do Cruzeiro, e pelo de 9 de agosto de 1824, foi elevado a Dignitario da referida ordem.

Por carta ou titulo de 6 de agosto de 1824 teve a mereça do foro de fidalgo cavalleiro da casa imperial.

Por carta de 3 de junho de 1823, teve o titulo de Barão da Parnahyba, e pela de 26 de julho de 1841, foi elevado a Visconde do mesmo nome, com as horas de grandeza.

Antes dos cargos e empregos acima mencionados, e mesmo depois de demetido a final da presidencia da provincia, Manoel de Sousa Martins, exercêo outros, ou quasi todos que existião em seu tempo, quer fossem empregos de nomeação do governo, quer fossem cargos de eleição popular.

Em 1844, não existião ainda na provincia, partidos politicos bem discriminados. Os piauihyenses dividião-se, porem, em duas parcialidades assaz poderosas, uma das quaes trabalhava tenazmente a favor da influencia, então decahida do Visconde da Parnahyba, que por mais de 20 annos predominou na provincia;—a outra se empenhava com todos os seus esforços, para que a influencia do

Visconde, que consideravão pernicioso, jamais se rehabilitasse no Piauí.

Nesse mesmo tempo teve de proceder-se as eleições para deputados a assemblea geral: cresceu a luta, renovarão-se os antigos odios, e, na cidade de Oeiras, derão-se então graves attentados e crimes.

Os adversarios do Visconde (disse o presidente do Piauí, em 1845,) suppondo-o mandante ou cumplice d'um dos attentados commettidos, e d'outros que se premeditavão, reunirão-se em grande numero, junto da cidade, nos dias 21 á 23 de Maio, e, talvez dispostos a entrarem por ella se não fossem attendidos, se dirigiram ao Exm. Sr. Conde do Rio Pardo, exigindo a sahida do Visconde da Parnahyba, para fora da cidade; e annuindo-se prudentemente a esses e outros pedidos dos insurgentes, dissipou-se logo o ajuntamento, dando-se por finda a tormenta que ameaçava a ordem e tranquillidade publica.

Foi esse o feliz desenlace d'aquella revolução armada, constante de quatro mil pessoas pouco mais ou menos, que então cercarão a heroica cidade de Oeiras, onde tiverão encerrados por alguns dias, como prisioneiros de guerra, o Visconde da Parnahyba, e bem assim o proprio presidente da provincia, o Exm. Sr. Conde do Rio Pardo.

O Visconde da Parnahyba, foi casado em primeiras nupcias com a Exm.^a Sr.^a D. Josepha Maria dos Santos, filha legitima de José Vieira dos Santos e sua mulher D. Maria Pereira da Silva: — e em segunda, ja quase no fim da vida, em 1844, com a Exm.^a Sr.^a D. Maria Benedicta Dantas, viuva de João Barbosa de Carvalho.

Falleceo na cidade de Oeiras, a 20 de fevereiro de 1856, sendo o seu cadaver sepultado na capella mór da Igreja matriz da mesma cidade.

Nenhum estudo regular teve o Visconde da Parnahyba, e posto que o seu longo governo fosse deficiente para o progresso do Piauby, não se lhe pode negar a intelligencia e tino admiravel, com que elle soube conquistar a elevada posição de que gosou na sociedade, creando ao mesmo tempo, a grande e importante familia que deixou na provincia.

Na época do seu fallecimento, corria contra elle, no foro da cidade de Oeiras, uma acção de demencia, promovida por alguns dos seus herdeiros.

Do seu primeiro consorcio teve o Visconde da Parnahyba os seguintes filhos: Raimundo de Souza Martins, José de Souza Martins, e D. Maria Josephina Clementina de Souza. Do segundo casamento não teve filho algum.



José Nicoláo da Costa Freire.

Offerecida, em testemunho de sincera e respeitosa amizade, ao sr. capitão Fernando da Costa Freire, Inspector da Thesouraria de fazenda do Piauhý.

José Nicoláo da Costa Freire, filho legitimo de José Nicoláo da Costa e de sua mulher D. Felicidade da Natavidade Freire, nascêo em Lisboa, em Julho de 1782, onde baptisou-se.

Em 1808 veio para o Brazil despachado 1.º escripturario da Junta de fazenda publica de Pernambuco, vindo tambem, n'essa mesma occasião, seu pai, na qualidade de escrivão deputado da referida provincia.

Em 1811 foi despachado contador da Junta de fazenda do Piauhý, de cujo cargo tomou posse em 1812, por occasião da installação da mesma junta; tendo sido companheiro de viagem do governador do Piauhý Amaro Joaquim Raposo de Albuquerque, que fallecêo antes de impossar-se.

Servio J. N. da Costa Freire aquelle cargo de contador, até 1821, quando foi mandado, no character de escrivão deputado, crear a junta de fazenda da provincia do Rio Grande do Norte, onde se demorou até 1823, quando dêo-se o facto da declaração da independencia n'aquella provincia; a qual, adherindo, jurou-a,—seguinto logo depois para o Rio de Janeiro, onde julgou mais segura a sua individualidade, em virtude do grande enthusiasmo popular na occasião, e da ogerisa aos portuguezes, pela populaça exaltada.

Durante sua estada na côrte esteve addido ao Thesouro, até que, em 1824, foi despachado no mesmo character de escrivão deputado, para o Pi-

auhy, onde chegou em Março de 1823, entrando sem demora no exercício de seu emprego.

Em 1833, por occasião de serem extinctas as juntas de fazenda e creadas as thesourarias, passou José Nicoláo a occupar o lugar de inspector da thesouraria de fazenda do Piauí, até 1848, quando pediu e obteve a sua aposentadoria, visto contar mais de 50 annos de bons serviços; sendo substituído, no lugar de inspector, por seu filho Fernando da Costa Freire, que foi nomeado por Decreto de 15 de Julho do dito anno de 1848, referendado pelo ministro da fazenda, Francisco de Paula Souza; cargo que ainda hoje exerce o capitão Fernando da Costa Freire, com muito acerto e distincção.

José N. da Costa Freire, foi agraciado por S. M. Imperador, com os habitos de Christo e da Rosa em remuneração aos seus relevantes serviços, como empregado de fazenda; sendo tambem eleito, por differentes vezes, deputado a assembléa desta provincia.

Casou-se José Nicoláo em 1814, com a Sr.^a D. Bonifacia de Hollanda Bizerra, filha legitima do sargento-mór Antonio de Hollanda Bizerra, e de sua mulher D. Catharina Romana de Mendonça Brandão, descendentes da familia—Cavalcanti, de Pernambuco.

Fallecêo em 4 de Fevereiro de 1851, em seu sitio=Corrente=do termo de Oeiras, sendo o seu cadaver sepultado, no dia seguinte, na capella do Santissimo Sacramento da igreja matriz de Nossa Senhora da Victoria, da mesma cidade de Oeiras, então capital da provincia.

Do seu consorcio sobreviverão-lhe oito filhos, sendo 3 varões e 5 mulheres; aquelles são.—o dr. Joaquim Augusto de Hollanda Costa Freire, que nascêo em Oeiras a 12 de Maio de 1818, e fallecêo

em Cuyabá a 3 de Abril de 1867; o capitão Fernando da Costa Freire, nascido também em Oeiras, a 7 de Novembro de 1819; e o major Antonio de Hollanda Costa Freire, que nasceu em Pernambuco (Recife) a 12 de Janeiro de 1824 e reside no referido termo da cidade de Oeiras.



Lourenço Antonio Marreiros Castello Branco.

« Offerecida a meo primo,—capitão Tiberio Luiz Marreiros Castello Branco.»

Lourenço Antonio Marreiros Castello Branco, filho legitimo do capitão Lourenço Antonio Marreiros da Silva Costa Lima, e de sua mulher D. Marianna Angelica de Menezes Castello Branco,—nascêo na freguezia de Oeiras, a 15 de Outubro de 1809, e foi baptisado, na Igreja Matriz da referida freguezia, aos 9 dias do mez de Novembro do mesmo anno, pelo respectivo vigario geral forense, Mathias Pereira da Costa;—sendo seus padrinhos o capitão José Gabriel Baptista, e D. Maria Luiza de Jezus, mulher do capitão-mór João Neponoceno Castello Branco. Foi crismado, pelo Reverendo padre visitador Antonio Bernardo da Encarnação e Silva, a 24 de agosto de 1825, sendo padrinho, seu tio paterno, Luiz Marreiros da Silva, o segundo deste nome.

Forão seus avós paternos, o capitão-mór Luiz Marreiros da Silva, que, depois de viuvo, foi Presbitero secular do habito de S. Pedro, e D. Maria de Nazareth Mendonça; e bisavós o capitão Mathias de Lima Taveira (que teve um filho do mesmo nome, que foi vigario geral em Oeiras) e sua mulher D. Joanna da Silva.

Seus avós maternos forão o Ajudante Felix do Rego Castello Branco, e sua mulher D. Joanna Angelica de Menezes; e bisavós, o coronel João do Rego Castello Branco, e sua mulher D. Perpetua Luiza de Barros Taveira.

A 11 de Dezembro de 1819 foi admittido ao lugar de praticante supra-numerario da Contadoria

da junta de fazenda desta provincia, em cujo exercicio entrou a 9 de Janeiro de 1820, passando a praticante de numero, a 19 de fevereiro, e a Amanuense em 7 de Outubro do mesmo anno.

A 21 de Janeiro de 1821, passou a 2.º official da secretaria da dita junta de fazenda, e a 2.º Escriptuario da Contadoria em 18 de Maio de 1826, e a official maior da referida secretaria a 25 de Maio de 1827; havendo occupado tambem os lugares de Escriptão da vedoria geral das tropas, por nomeação de 11 de Julho de 1825, e o de Escriptão e seu ajudante dos armazens nacionaes, encarregado igualmente do sello dos papéis, de cima de heranças, novos direitos dos officios, e cartas de seguro, por nomeação de 6 de Fevereiro de 1828,

Exerceo tambem o lugar de fiscal da camara municipal da capital, e, depois, o de seu veriador, pela eleição de 1833, cuja serventia foi repetida em consequencia da eleição procedida em 1840.

Foi nomeado, pelo presidente da provincia, para o lugar de juiz municipal supplente dos termos reunidos de Oeiras e Valença, havendo tambem exercido, em consequencia d'isso, as funcões de juiz de direito da mesma comarca, e de chefe de policia interino da provincia.

Em 1840 foi eleito juiz de paz da freguezia de Oeiras, e a 21 de Maio de 1844, nomeado pela presidencia da provincia, para o lugar de Procurador fiscal interino da thesouraria de fazenda; tendo servido tambem o cargo de membro da comissão liquidadora das contas provinciaes, por nomeação de 20 de Junho do mesmo anno.

Ainda em 1844 foi nomeado L. A. Marreiros Castello Branco, por patente de 22 de Julho, para o posto de capitão promotor da guarda nacional do municipio de Oeiras; e a 23 de agosto do predito anno, para o lugar de Inspector da Adminis-

tração de Fazenda provincial, em cujo emprego foi aposentado em Fevereiro de 1857.

Por Decreto de 7 de Maio de 1842, foi nomeado, por graça especial, cavalleiro da Ordem da Rosa, e depois, por Carta Imperial de 4 de Setembro de 1849, official da mesma Ordem.

Por Carta Imperial de 6 de Novembro de 1848, foi nomeado para o cargo de 5.º vice-presidente da provincia.

Exercêo depois, o emprego de delegado da Repartição especial das terras publicas do Piauhy, em virtude de nomeação que obteve, por acto da presidencia de 4.º de maio de 1858.

Em 1863 foi nomeado para os cargos de juiz municipal supplente e delegado de policia do termo de S. Gonçalo, de cujos cargos prestou juramento a 16 de Marco do dito anno.

Foi eleito em 1864, presidente da camara municipal do Amarante, de que prestou juramento e tomou posse em 24 de Janeiro de 1865; tendo sido eleito tambem, em 1864, deputado a Assembléa legislativa desta provincia, cargo que exercêo, como todos os outros que occupou, com muito zello e patriotismo.

Casou-se Lourenço Antonio Marreiros Castello Branco, na cidade de Oeiras, a 13 de Maio de 1828, com a Sr.ª D. Raimunda Catharina da Silva, filha legitima de Carlos Dionisio Soares da Silva e de sua mulher D. Anna Rosa Barbosa Dantas, a qual nascêra na freguezia da mencionada cidade de Oeiras, em Novembro de 1806, e fallecêo a 29 de Julho de 1844.

Casou-se depois, o capitão Marreiros, em segundas nupcias, a 8 de Janeiro de 1846 com sua sobrinha, D. Rosa Maria Sudré Sandoral Castello Branco, natural de Oeiras (em cuja freguezia nasceu a 28 de Julho de 1829) e filha legitima do major José Ignacio Madeira de Jezus, e de sua

mulher D. Marianna Angelica Marreiros de Mendonça Castello Branco; a qual falleceu, nesta cidade de Theresina, aos 6 dias do mez de Agosto de 1856.

Falleceu o capitão Lourenço Antonio Marreiros Castello Branco, a 9 de Julho de 1865, legando a sua numerosa familia, a memoria d'um nome venerando por suas yirtudes, e pelos relevantes serviços que prestou ao paiz.

Do seu primeiro casamento teve o finado 9 filhos, sendo 3 varões e 4 mulheres; do segundo consorcio teve 8, sendo 3 homens e 5 mulheres.



IV

Justino José da Silva Moura.

« Offerecida, como tributo de amizade, ao Sr. Tenente Coronel Jesuino Luiz da Silva Moura. »

Justino José da Silva Moura, filho legítimo do Cirurgião-mor, José Luiz da Silva, natural do Reino de Portugal, e de sua mulher D. Anna Maria Ferreira da Silva,—nascêo em Oeiras, a 12 de Dezembro de 1809.

Justino Moura, nunca foi empregado publico remunerado: as profissões que exercêo forão sempre as de negociante, fazendeiro e agricultor.

Em 1827 foi successivamente nomeado para os postos de alferes e de tenente; e em 1829 para o de capitão da 1.^a companhia do antigo batalhão n.º 79 da 2.^a linha de Caçadores, nesta provincia. Foi reformado neste posto, como pedio, por acto do governo imperial de 8 de Julho de 1843, expedindo-se-lhe a respectiva patente, a 20 de abril de 1844.

Por portaria do presidente da provincia, o visconde da Parnahyba, de 25 de Novembro de 1843, e patente 27 do mesmo mez, foi nomeado para o posto de major, do batalhão da guarda nacional do municipio de Oeiras—(creada em virtude da Resolução provincial n.º 28 de 30 de Julho de 1836) e por portaria do presidente, Dr. Zacharias de Góz e Vasconcellos, de 26 de Março, e patente de 2 de Abril de 1846, foi promovido ao posto de Tenente Coronel Commandante do mesmo batalhão.

Por portaria de 10, e patente de 28 de Fevereiro

de 1818, foi elevado, pelo presidente Dr. Marcos Antonio de Macedo, ao posto de Coronel chefe da 1.^a Legião da guarda nacional da provincia (Resolução provincial n.º 172 de 21 de agosto de 1814).

Por 12 vezes, a contar de 1835 até 1839, foi eleito deputado a Assembléa provincial, de cuja corporação, em repetidas occasiões, occupou os lugares de secretario e de presidente.

Em 1854, por occasião da eleição que se procedeo para preenchimento da vaga existente no Senado, em consequencia do fallecimento do senador desta provincia,—o Coronel Justino José da Silva Moura, teve a honra de ser contemplado, conjuntamente com os illustres Srs. Conselheiro João Lustosa da Cunha Paranaguá (que foi escolhido) e Dr. Antonio Borges Leal Castello Branco, na lista triplice dos cidadãos eleitos pelo Piauhy, e que devia ser, como foi, submettida a escolha Imperial.

Por Decreto de 7 de Maio de 1842, foi agraciado com o titulo de Cavalleiro da Ordem da Rosa.

Por muitas vezes occupou o Coronel Justino Moura, os cargos de eleitor, juiz de paz, veriador, e presidente da camara municipal de Oeiras, e nesta qualidade foi elle quem veio installar a antiga villa do Puty, em 1833.

Por differentes vezes, elle exerceo os lugares de supplente do juiz municipal e de orphãos da cidade de Oeiras, e antigamente chegou tambem a exercer, na mesma cidade, o cargo de juiz de fora.

Casou-se Justino José da Silva Moura, na cidade do seo nascimento, a 30 de Julho de 1829, com a Sr.^a D. Rosa Ferreira da Silva Moura,—a qual falleceo a 29 de Agosto de 1816.

Este illustre piauhyense, contando mais de 60

annos de idade, e sentindo que sua preciosa existencia estava prestes á extinguir-se, em consequencia d'uma grave molestia que soffria, reuniu em sua casa, todos os seus filhos, genros, netos e outros parentes, e, dirigindo diversas cartas de despedida a alguns amigos ausentes, mandou celebrar uma missa, pelo Padre José Dias de Freitas, com quem se confessou; e, recebendo em seguida todos os sacramentos instituidos pela Igreja, falleceu no dia 20 de Julho de 1870, sendo o seu cadaver sepultado, na capella-mór da Matriz de Nossa Senhora da Victoria, da cidade de Oeiras.

A' uma d'aquellas cartas de despedida dão-se publicidade no n.º 259 da *Imprensa*, de 6 de agosto do dito anno de 1870, d'onde forão extrahidos a maior parte dos apontamentos de que nos servimos para a confecção d'este pequeno escripto.

Do seo consorcio teve o Coronel Justino Moura 13 filhos, sendo 2 homens e 11 mulheres; porem somente 9 lhe sobreviverão, a saber: o Dr. José Luiz da Silva Moura; D. Justina Rosa da Silva Moura, que foi casada com o Coronel Ernesto José Baptista; D. Raimunda Nonnata Moura de Carvalho, casada que foi com o major João Evangelista Barbosa de Carvalho; D. Constança Rosa da Silva Moura, casada com o Coronel Elias de Souza Martins; D. Emilia Justina da Silva Moura, casada com o Dr. Carlos Luiz da Silva Moura; D. Lisbella Maria da Silva Moura, casada com o Dr. Benjamin Luiz da Silva Moura; D. Elisa Rosa da Silva Moura, casada com o Coronel Clementino de Souza Martins; D. Alina Rosa da Silva Moura, com o Tenente Coronel Jesuino Luiz da Silva Moura.—e D. Anna Rosa da Silva Moura, que não chegou a casar-se, tendo fallecido em 1876.

Na epoca do fallecimento do coronel Justino José da Silva Moura, existião, alem dos seus 9 filhos acima mencionados, 35 netos e 3 bisnetos seus!

Tão numerosa descendencia, encontra na vida do illustre finado, os mais bellos exemplos que nos pôde fornecer a historia do homem de bem.

« Ella nos apresenta, disse o distincto Sr. Dr. N. Burlamaque, um quadro edificante de virtudes civicas e domesticas, e quando se possa notar n'elle alguns escuros, è porque a fraqueza é congenita com a nossa natureza, por isso mesmo que, sem elles, as bellezas d'um quadro não podem realçar.

« E' certo, porem, que, neste quadro, que, com pallidas cores, mal posso esboçar, destacão-se em saliencia, os predicados:

« Do negociante honrado, cujo credito jamais foi abalado pela menor quebra de confiança; cidadão pacifico e laborioso, que sustentou sempre com a maior decencia e degnidade sua numerosa familia;

« Do politico de crenças, sincero e desinteressado, que nunca sacrificou suas convicções, por conveniencia de qualquer ordem, e soube sempre servir ao partido liberal, de que era vulto importante, com dedicacão e firmeza:

« Do funcionario publico, zeloso e intelligente, que não podia ser excedido em honestidade nos differentes cargos que servio.

« Do amigo leal e franco; do bom filho, do excellentè irmão, do esposo exemplar, e bom parente; e, como Pai, oh ! o Piauhy todo o sabe, era elle um typo á emitação do velho Priamo, que teve a rara virtude de dar aos seus 50 filhos, durante uma longa existencia, os melhores exemplos de paternidade e os mais sublimes conselhos.»

Dr. Francisco de Souza Martins

« Offerecido ao Ex.^{mo} Sr. Dr. José Manoel de Freitas, Deputado á Assemblêa Geral, pela provincia do Piauí. »

Francisco de Souza Martins, filho legítimo do Coronel Joaquim de Souza Martins e de sua mulher D. Theresa de Jesus Maria, nascêo a 3 de Janeiro de 1805, na freguezia de N. Senhora das Mercêz de Jaicós, nesta provincia.

O Coronel Joaquim de Souza Martins, teve do seu consorcio muitos filhos, dos quaes somente 12 chegarão a idade viril e casarão-se, sendo 4 mulheres e 8 homeus:—Francisco de Souza Martins foi o 3.^o na serie das idades.

Seus pais, que o haviam destinado para o estado ecclesiastico, confiarão a sua educação aos cuidados do seu parente, o reverendo padre Marcos de Araujo Costa, de saudosa memoria.

Tendo concluido os seus estudos de humanidades, partio o jovem estudante, aos 20 annos de idade, para a cidade do Rio de Janeiro, afim de receber alli as ordens sacras, como seos pais desejavão; porem, não tendo ainda a idade para esse fim exigida por lei, teve o jovem piauihyense de demorar-se no Rio, proseguindo todavia, em seos estudos, no Seminario de S. José. Acontecêo depois, que relações d'amizade que elle contrahio com alguns mancêbôs, naturaes de Lisboa, que n'aquelle mesmo tempo estudavão tambem no referido *seminario*, o fizerão mudar de resolução, e, obtendo o concenso de seus pais, passou-se do Rio de Janeiro para Coimbra, em cuja Universi-

dade se matriculou em 1827; sendo obrigado, depois de ter frequentado o primeiro anno de curso, a regressar para o Brazil, por causa dos acontecimentos politicos que então se derão em Portugal, e que motivarão o encerramento da Universidade.

Em 1828, época em que forão installadas as Faculdades Juridicas do Imperio,—Francisco de Souza Martins, começou a frequentar a de Pernambuco, sendo distinguido por varias vezes, com o premio de maior distincção, e, conclaindo os seus estudos academicos em 1832, recebeu o grão de Bacharel, e regressou á sua provincia natal.

Fixando a sua residencia em Oeiras, então capital da provincia,—o Dr. Francisco de Souza Martins, alli se dedicou, por algum tempo, a profissão de advogado, exercendo tambem o emprego de procurador fiscal da thesouraria de fazenda;—sendo, no seguinte anno, eleito deputado á Assembléa geral por sua provincia.

Desde então até 1847, o illustre piauihyense foi constantemente re-eleito deputado, por 5 vezes successivas, ora pelo Piauihy, ora pela provincia do Ceará.

Em 1833 foi nomeado juiz de direito da comarca de Oeiras; em 1835, foi nomeado presidente da provincia da Bahia, emprego que exercêo por espaço de seis mezes; em 1839, presidente do Ceará, onde se demorou, no exercicio do seo cargo, por mais de 8 mezes, em uma época que a provincia se achava agitada pela guerra civil do Maranhão e Piauihy, sendo depois demettido por occasião da mudança ministerial que então teve lugar.

Em 1842 foi removido do cargo de juiz de direito do Oeiras, para igual emprego na capital do Rio de Janeiro, d'onde, 3 annos depois, foi removido para a capital da provincia de Minas, onde não teve exercicio, por achar-se occupado na côrte, como representante da nação.

Em 1847, foi removido do seu ultimo lugar, para o emprego de Juiz dos Feitos da Fazenda da Côrte, r que exerceo somente 4 mezes, por ter adoecido gravemente, precisando por isso de retirar-se da vida publica.

« Naquelle tempo (escrevia de Lisboa, em 1850. o proprio Sr. Dr. Francisco de Souza Martins) achando-me gravemente enfermo, da doenca que ainda agora padeço, estando quasi cego, alem de outros achaques, os meus facultativos me aconselharão uma viagem á Europa; e, obtida para isso dispensa dos poderes legislativo e executivo, parti no fim de Julho de 1847 para a França. E' inutil aqui mencionar tudo quanto tenho sofrido nos ultimos trez annos; posso, porem, dizer em geral, que durante esse espaço de tempo, um só dia não tenho vivido com humor contente e espirito livre e satisfeito. Aos males phisicos que diariamente me oprimem, accrescem noites continuas de completas vigalias e annuviadas com as mais lugubres e funestas meditações: a sociedade humana tem-se-me tornado como um flagello, e a minha vida convertêo-se em uma agreste e selvatica mesantropia. A unica satisfação que ainda experimento, é a que me confere a solitaria leitura de meos livros: estes são hoje os meus unicos amigos, os companheiros dos meos momentos de infortunio, os consoladores das minhas tristezas, o unico conforto que neste valle de lagrimas da vida humana, não pode ser roubado ao infeliz, ainda que desamparado de toda a natureza.

« Mas, esse mesmo derradeiro refugio d'uma existencia amargurada em grande parte, me tem sido impedido e contrariado pelos soffrimentos de meos olhos; pois que, ainda que agora possa ler e escrever, com tudo isto não o posso fazer sem grande fadiga, cansaço da vista e exaltação do cerebro, o que acarreta peniveis encommados nas

mal dormidas noites. Ainda isto mesmo, só agora, depois que estou em Portugal, me tem sido permitido, porque antes, quasi que nenhuma leitura m'era possível por mais de meia hora.

« Qualquer que seja, porem, a minha sorte, estou resignado a soffrer os meos males, com longaninidade e paciencia, e consolar-me com a sorte de muitos grandes homens, que, na sua velhice, fiserão prova de alta resignação: Milton e Homero, cegos; Camões e D. João de Castro, vivendo de esmollas, ou acabando no hospital, consolão-me de minha pobreza, da minha cegueira, e da minha solidão e abandono !

« Nem é por vaidade que me resolvi a escrever estas linhas, mas unicamente na esperanza de que depois da minha morte, ellas possam-se fazer publicas (*) e chegar a noticia aos meos parentes e a todos aquelles que me conhecerão, afim de que a experiencia da minha vida, e da minha morte, possa aproveitar aquelles que encetão a carreira da vida no meio do mundo das illusões; porque, afinal, venho a concluir, que muito mais felizes do que eu são os meos irmãos, que se contentarão com a vida de simples lavradores, que não viajarão, que não consagrarão a sua mocidade ás vigílias dos livros, e a sua virilidade ao serviço da patria, e ás agitações da vida publica.

« Felizes aquelles que nascerão e morreram no meio de sua familia, sem soffrerem estas tão contrariadas tempestades da vida. »

Como se vê da descripção acima, feita pelo proprio Dr. Francisco de Souza Martins,—a vida d'esse illustre piauihyense, que sempre foi cheia de gloria e de contentamento, até o começo de 1847,—transformou-se, d'ahi em diante, em uma serie de martyrios e de soffrimentos !

Abatido pelas molestias e acabrunhado de dis-

(*) *Diario de Pernambuco*, anno 36º, n.º 280.

gostos, o Dr. Francisco de Souza Martins, depois de se ter demorado por mais de 3 annos na Europa, voltou para o Brazil, e recolhendo-se á sua provincia natal, chegou a Oeiras em 1834, tendo fallecido em 1837, com pouco mais de 52 annos de idade.

Em homenagem a memoria de tão illustre piauihyense, cuja vida e relevantes serviços prestados ao paiz, devem ser registrados em um das paginas de honra da historia desta provincia,—concluimos este artigo, transcrevendo do «Diario de Pernambuco,»—a noticia que dão, em Maio de 1837, do seu infausto e luctuoso fallecimento, o distincto Sr. Dr. José Manoel de Freitas,—um dos mais sinceros e devotados apreciadores do grande talento, e raras virtudes, d'aquelle tão preclaro quão benemerito cidadão.

—=—

« Acabamos de receber a noticia do fallecimento do Dr. Francisco de Souza Martins, e nosso coração intimamente confundido pela impressão que ella nos causou, apenas consente que nossos labios pronunciem, com Xavier de Maistre, estas palavras: *o homem não é mais que um phantasma, uma sombra, um capor que se dissipa nos ares...* »

« O Dr. Francisco de Souza Martins, não era um homem vulgar. Natural da provincia do Piauihy, e descendente de uma familia importante, elle, tendo apenas recebido em 1832, o gráo de bacharel formado, pela antiga academia juridica de Olinda, onde o seu talento superior era sobre modo apreciado já pelos seus collegas, e já pelos seus lentes, começou a occupar as melhores posições do Imperio, e a demonstrar que o juizo vantajoso que sempre d'elle se fizera, e as esperanças que em suas mãos depositava a patria, não eram infundadas. E-leito deputado a Assembléa geral legislativa por sua

provincia, por uma serie não interrompida de legislaturas, sua voz achava echo sempre no meio dos legisladores, por que quem ali discutia não era o simples deputado, era o politico sagaz, era o financeiro abalisado.

« A firmeza do seu character, a sabedoria de suas resoluções, a logica dos seus discursos, grangearão-lhe uma alta consideração para o governo do paiz, e pouco tardou que fosse chamado a administrar a provincia da Bahia, então a mais importante do Brasil.

« A presidencia do Dr. Souza Martins na Bahia, é um dos seus monumentos de gloria; ainda hoje os Bahianos agradecidos referem-na com mostras de jubilo, de satisfação, e nossa historia contemporanea não poderá deixar de registral-a.

« Foi elle, sim, quem conseguiu destruir a mais formidavel das insurreições que tem havido no Brasil, a insurreição de 1835 na Bahia, que semelhante a um vulcão, ameaçava com suas lavas a ruina de toda a cidade.

« No dia do cataclysmo o Dr. Souza Martins não era somente o presidente energico e resolutivo; não, elle era tambem o soldado destimido e valoroso que peito a peito se debatia com os insurgentes: a insurreição succumbio de repente, em presença de tão porfiada resistencia.

« Mais tarde, em 1840, occupou com igual vantagem a presidencia do Ceará, e é sabido que no tempo da maioridade regeitou uma das pastas que lhe fora offerecida. Mas, uma fatalidade veio desenvolver-o, dessa estrada brilhante que tão gloriosamente percorria. O Dr. Souza Martins vio, talvez, a realidade de seus sonhos de felicidade, n'uma donzella fluminense, em cujas faces reflectiam os atractivos das illusões da mocidade; desposou-a, e desde esse momento a alegria afugentou-se de seu coração; uma febre abrasadora, como que lhe

devorava o cerebro, e os homens, que o conhecião ávido de gloria, intrepido nos combates da tribuna, e reflectido nas suas resoluções, chamaram-o de —louco,—vendo-o assim triste, abatido e indifferente a todas essas grandezas que ainda ha pouco disputava; mas, não, o Dr. Souza Martins não era um louco, elle era apenas um homem que soffria muito, e que queria occultar ao mundo os arcanos de seus soffrimentos

« Pensando que na velha Europa acharia lenitivo a tantos males, dirigio-se a França, onde assistio o magestoso drama da revolução de 1848, e nem a queda desse rei, a quem o proprio Lamartine não hesita em dirigir panegyricos, nem a restauração de uma epoca de felicidades para o povo francez, que em presença dos estandartes da republica, delira de enthusiasmo; nem os eloquentissimos discursos dos Lamartines, Ledru Rollin, Louis Blanc, &, teem o magico poder de despertar-o dessa malfadada apathia, desse misantropismo mysterioso

« Precorre mais alguns paizes da Europa, e de pois lança seus olhos para a patria natal, dizendo:

« Sim, è lá que o meu corpo deve descansar; ao menos repousarei a fronte no tumulo de meus pais, depois de ter ainda uma vez respirado o ar livre de meus sertões. »

« De facto, em 1851 já se achava no seio de sua familia. E' glorioso dizer-se o regosijo com que os habitantes da cidade de Oeiras receberam o distincto piauhense.

« As girandolas de foguetes se cruzavam de todos os lados, e a alegria resplandecia nas faces de todos.

« Naquelle momento as rivalidades e odios politicos haviam desaparecido, e todos os cidadãos unidos n'um só pensamento prestavam homenagem ao talentoso financeiro, ao deputado eloquen-

te, ao honrado administrador, ao sabio piauhyense.

« Entretanto tudo foi baldado, os affagos dos amigos, as caricias dos parentes, as recordações saudosas do berço dos seus amores, dos seus folgares infantis, nada foi sufficiente para arrancar-lhe um sorriso só de satisfação; sempre triste, sempre abatido, olhava para tudo que o cercava com indifferentismo, e retirando-se para sua fazenda Canabrava, cortou todas as suas relações.

« O mysterioso involuero da vida desse grande homem, tomava todos os dias maior vulto, até que não podendo mais conter dentro do peito, os seus dolorosos soffrimentos, recorre a um meio extremo, ao=suicidio;=mas, como diz Cusin, os dias do grande homem estão contados: a ampulheta da sua existencia, ainda não havia esgotado o ultimo grão de areia, e elle, não obstante o choque que soffreo, teve forças para viver ainda quasi tres annos !

« Aqui temos uma nova epoea:

« O indifferentismo ainda o mesmo, a misantropia continuava, mas o seu coração, como que se tornou mais calmo, achando talvez uma esperanza na religião; e um lenitivo na leitura de obras moraes, como por exemplo as do sabio Xavier de Maistre. Foi, sem duvida por isso, que o illustre finado empreendeu a traducção da obra intitulada—Viagens em redor do meu quarto.

« Esta obra incontestavelmente se accommodaria aos sentimentos intimos do seu coração. Só, isolado dentro de um quarto, estranho a tudo que se passava fora d'ali, quantas vezes não exclamaria com o sabio conde de Maistre:

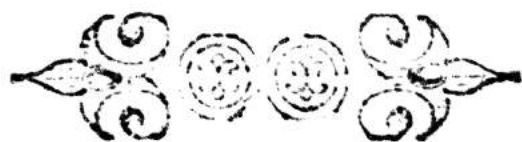
« . . .Depois de alguns tempos as assembléas numerosas me inspirão um terror. Eu sou assaltado por um sonho sinistro. . . Em vão me esforço para repellil-o, elle volta sempre como o de Atha-

lia. E' talvez porque a alma inundada hoje de idéas negras, e de imagens tormentosas, acha por toda a parte objectos de tristeza, como um estomago viciado converte em veneno os mais puros alimentos.

« Joânetti, fecha as portas e as janellas. Eu não quero ver mais a luz; ninguém entre no meo quarto;—colloca meu punhal perto de mim,—retira-te da minha presença, e não me appareças mais ! »

« Alem dessa traducção, acharam-se outras em seus papeis, e juntamente escriptos sobre finanças: talvez que um dia estes escriptos deem ao illustre piauihyense um nome immorredouro.

« Sempre fomos entusiasta do talento e da honradez, e é esta a razão que nos leva á render este mesquinho tributo á memoria do grande homem, cuja vida tão gloriosa foi em principio, quanto depois espinhosa. »



Dr. José Servio Ferreira.

« Offercido a Illustrissima Camara municipal da cidade de Oeiras, que conseguiu, mui acertadamente, perpetuar a memoria do distincto medico, Dr. José Servio Ferreira. »

José Servio Ferreira, filho legitimo de Francisco Ferreira de Carvalho e de sua mulher D. Maria Pulcheria da Natividade, nascêo em Oeiras, a 8 de Janeiro de 1817.

Os primeiros annos de sua vida passou-os no campo, em companhia de seus progenitores, que, posto não fossem ricos, erão fazendeiros e agricultores, e resedião em uma pequena fazenda denominada—Belmonte—que possuhião no termo de Oeiras; começando, aos 13 annos de idade, a frequentar a escola de primeiras lettras, e, mais tarde, as aulas de instrucção secundaria, na cidade de Oeiras,—revelando desde logo, ser possuidor d'uma intelligencia vigorosa, que procurava cultivar com dedicação, exhibindo sempre o mais notavel aproveitamento.

Em consequencia da carencia quase absoluta que então existia de medicos no Piauhy, e attendendo-se os progressos que fazia em seus estudos o jovem piauhyense, foi elle escolhido, na forma do disposto pela Resolução provincial n.º 74 de 20 de setembro de 1837, para hir estudar na Academia de Medecina do Rio de Janeiro, para onde partio em 1839, no character pensionista da provincia; e tendo concluido os seus estudos academicos, recebeu o grão de Doutor em Medecina, a

26 de dezembro de 1846, regressando á sua terra natal em fins de de 1848,—cheio de conhecimentos e rico de illustração.

Tendo fixado a sua residencia na cidade de Oeiras, o Dr. José Servio Ferreira foi logo nomeado para exercer os cargos de medico do hospital de charidade e das enfermarias melitares da provincia. Começando assim a sua vida pratica, o distincto piauiense não se demorou em exhibir novas provas do seu elevado talento, conquistando a honrosa nomeada de medico illustrado, humanitario e probidoso.

Em 1852 realisando-se a muda da capital da provincia, da antiga cidade de Oeiras para a de Theresina, o distincto facultativo, preferindo permanecer na primeira, continuou a exercer alli o emprego de medico do Hospital de Charidade, até a epoca da sua extinção, em 1861;—e d'essa dacta em diante passou a exercer o cargo de medico do partido publico, na mesma cidade, emprego que desempenhou, em quanto vivêo, com a mais admiravel dedicacão e humanidade,—tratando da pobreza desvalida, em suas proprias casas, onde muitas vesês levava ao enfermo desprotegido da fortuna, alem dos remedios que lhe receitava, o alimento de que carecia !

O Dr. José Servio Ferreira, tambem exerceo em Oeiras, o emprego de lente de arithmetica e geometria do lyceu da provincia; e bem assim, por mais d'uma vez, os cargos de delegado de policia e supplente de juiz municipal e de orphãos.

Exerceo igualmente o cargo de deputado provincial, havendo se sempre, no cumprimento dos deveres de todos os empregos que occupou, com inexcedivel zelo e extremada probidade.

O Dr. José Servio Ferreira, a par das muitas virtudes que o ennobrecião fasia-se sobre tudo

notavel pelo seu espirito humanitario e charidoso para com os pobres desv^olidos.

Em 1865, por occasião da guerra do Paraguay, quando partirão de Oeiras os primeiros voluntarios da patria, o illustre piauihyense, cotisou-se mui espontaneamente, com uma quantia não pequena, em relação aos seus haveres, a favor das familias indigentes dos mesmos voluntarios; e effectivamente a distribuiç^o por ellas; tendo sido, não só por este, como por outros importantes serviços que, na mesma occasião, prestou ao paiz e a humanidade,—agraciado com o titulo de cavalleiro da Ordem da Rosa, por decreto de 14 de setembro de 1866.

O Dr. José Servio Ferreira, casou-se em Oeiras a 1 de novembro 1853, com a Sr.^a D. Joaquina Servia Ferreira, filha legitima do coronel José Ferreira de Carvalho, e de sua mulher D. Maria Ferreira de Macédo; e tendo fallecido a 19 de maio de 1868, foi o seu cadaver sepultado na capella do S. Sacramento da Igreja matriz da mesma cidade de Oeiras. Do seu consorcio teve 7 filhos. dos quaes somente 6 lhe sobrevierão, sendo 5 do sexo masculino.

Por occasião do fallecimento do illustre medico, a velha cidade de Oeiras cobriu-se do mais pesado luto, manifestando por esta forma, o profundo pesar de que se achava possuida, pela perda irreparavel que acabava de soffrer, d'um de seus filhos mais queridos.

O enterro do Dr. J. S. Ferreira foi immensamente concorrido, e antes do seu corpo ser lançado á sepultura, os pobres,—em não pequeno numero,—beijarão enternecidos, a mão charidosa e bemfazeja, que, por mais de 20 annos, lhe prodigalisara immensos beneficios.

A camara municipal de Oeiras, em sua sessão de 1 junho d'aquelle mesmo anno de 1868, resol-

vêo sollicitar da Assembléa Legislativa provincial, que o producto da multa de 500\$000 reis, que pelo enterramento do cadaver do distincto facultativo, na referida capella do Santissimo Sacramento, devia ser paga á aquella municipalidade, fosse mandada applicar, na collocação d'uma lousa de marmore em sua sepultura;—ao que tendo annuido a dita assembléa (Res. prov. n.º 627 de 12 de agosto de 1868) mandou a predita camara vir do Rio de Janeiro, a mencionada lousa,—contendo o epitaphio que n'ella se acha gravado, e do qual se vê que o illustre piauhyense, ennobrecêo a sua curta vida, legando á posteridade os mais edificantes exemplos de cidadão honrado e pro-bidoso.

A 19 de maio de 1871, terceiro anniversario do fallecimento do Dr. José Servio Ferreira, teve lugar, depois da celebração d'um officio funebre pelo eterno repouso do finado,— a collocação da pedra mortuaria em sua sepultura; achando-se presentes á esses actos, a camara municipal de Oeiras, incorporada; a illustre familia do virtuoso medico, grande numero de amigos seus, e immenso povo; que, ainda uma vez, cobertos de luto, pranteavão a morte do honrado Oeirense e benemerito cidadão !

